

A variação de preposições com verbo *ir* de movimento em comunidades rurais do semiárido baiano

Hilmara Moura de JESUS¹

Resumo: Este artigo consiste na análise da regência variável do verbo *ir* de movimento no dialeto das comunidades de Matinha, distrito de Feira de Santana, Piabas, localizada no município de Caém, antigo distrito de Jacobina, Barra/Bananal e Mato Grosso, na Chapada Diamantina, Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio, em Jeremoabo. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada uma amostra extraída de 72 informantes que compõem o *corpus* do Projeto "A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano". Baseado no âmbito da Sociolinguística Variacionista, o presente estudo é direcionado para descrever o fenômeno da variação que envolve as preposições *a*, *para* e *em* introduzidas pelo verbo *ir* de movimento e analisar os fatores condicionantes (linguísticos e sociolinguísticos) do uso dessas preposições. Os resultados apontam indícios de uma mudança praticamente concluída, visto ter-se encontrado apenas seis ocorrências com a preposição *a*. Dentre as 582 ocorrências que constituem os corpora, destacam-se 418 realizações com a variante *para* (71%) e 164 com a variante *em* (29%). O programa estatístico Goldvarb 2001 selecionou as variáveis *grau de definitude do nome locativo, permanência no local, pessoa do discurso, comunidade, tempo verbal, sexo/gênero, escolaridade, (in)determinação do sujeito e narratividade do discurso* como as determinantes na regência variável do verbo *ir* de movimento.

Palavras-chave: Variação; Preposições *a*, *para* e *em*; Verbo *ir* de movimento.

Abstract: This article consists in the analysis of variable regency of the verb *ir* concerning movement in the dialect from communities of Matinha, district of Feira de Santana, Piabas, located in the city of Caem, a former district of Jacobina, Barra / Bananal and MatoGrosso, in ChapadaDiamantina, Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio, in Jeremoabo. For the development of research, we used a sample drawn from 72 informants who make up the *corpus* of the project "A Língua Portuguesa no Semi-árido Baiano". Based on the ambit of Sociolinguistics Variacionist, the present study is aimed to describe the phenomenon of change involving the prepositions *a*, *para* e *em* introduced by the verb *ir* of movement and examine the factors that influence (linguistic and sociolinguistic) the use of these prepositions. The results hint at a change practically concluded, since it had found only six instances with the preposition *a*. Among the 582 events that constitute the corpora are highlighted with 418 achievements for the variant *para* (71%) and 164 with the variant *em* (29%). The statistical Goldvarb 2001 shows the variables *degree of definiteness of the locative name, stay in place, the person speaking, community, tense, sex / gender, education, (in)determination of the subject and speech narrative* as the determining variable in the regency of the verb *ir* of movement.

Key-words: Variation; Prepositions *a*, *para* and *em*; Verb *ir* of movement.

Introdução

No Português Brasileiro evidencia-se a variação de preposições que acompanham verbos de movimento. Segundo a gramática

1 Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador - BA. Correio eletrônico: hilmaramoura@yahoo.com

tradicional, o verbo *ir* de movimento deve ser empregado somente com as preposições *a* e *para*. Contudo, na fala coloquial, a preposição *em*, considerada não padrão, é utilizada em alternância com as preposições *a* e *para* com esse verbo.

Neste trabalho, pretende-se analisar e descrever a variação de preposições com verbo *ir* de movimento no dialeto das comunidades rurais do semiárido baiano: Matinha, distrito de Feira de Santana, Piabas, localizada no município de Caém, Barra/Bananal e Mato Grosso, na Chapada Diamantina, Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio, em Jeremoabo, as quais fazem parte do projeto "A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano", sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana – Bahia, sob a coordenação das Professoras Doutoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. Tem por objetivo "contribuir para o conhecimento da realidade linguística brasileira e, de forma específica, sobre a língua falada em áreas rurais do semiárido baiano" (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008).

Para isso, levaram-se em consideração variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem exercer influência na escolha do falante entre a realização das preposições *a*, *para* e *em* junto ao verbo *ir* de movimento.

Os valores das preposições *a*, *para* e *em*

Segundo Bechara (2009, p.307-317), a preposição *a* "introduz numerosas circunstâncias, tais como termo de movimento ou extensão", enquanto *para* denota "termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino", como em "Foi para Europa". O autor afirma que a preposição *em* denota, entre outras coisas, "lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado", mas observa que a língua padrão não aceita o emprego dessa preposição com verbos de movimento, preferindo a preposição *a*, como em "Ir à cidade".

Cunha e Cintra (2008), em sua gramática, descrevem as preposições:

- a.** indica movimento: direção a um limite;
- em.** indica movimento: superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de;
- para.** indica movimento; tendência para um limite, finalidade,

direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da idéia de direção sobre a do término do movimento. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 576-587).

Bagno (2004, p.141), por sua vez, afirma que “usamos a preposição *em* para reger verbos de movimento porque o português é uma língua derivada do latim e em latim a preposição *in* (de onde veio o nosso *em*) era usada com essa mesma finalidade”. E, ainda ratifica que em latim havia uma concorrência entre as preposições *ad* e *in*, que podiam indicar tanto o repouso, a localização quanto o movimento, a direção.

O tema da pesquisa

Elaborada no âmbito da pesquisa sociolinguística, por meio das propostas de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e de Labov (2008[1972], 1994) esta pesquisa parte da observação do processo em curso de desuso da preposição *a* no Português do Brasil, perceptível na fala e, em grau menor, na escrita, que vem sendo substituída por outras preposições em determinados contextos.

Diversos trabalhos abordam a variação de preposições e apontam uma tendência para a perda da preposição *a* no português do Brasil, e desses, destacamos: com verbos dativos, a preposição *a* cede espaço para a preposição *para* ou é omitida, como se comprova em dados da língua falada (GOMES, 2003); com verbos de movimento, especificamente com o verbo *ir*, a preposição *a* está sendo substituída pelas preposições *para* e *em* (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; VALLO, 2003; WIEDEMER, 2008). Guedes e Berlinck (2003) mostraram a variação no complemento verbal preposicionado do português brasileiro (doravante PB), percebendo na análise de textos do século XIX do *corpus* do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, que já havia, nesta época, a restrição de uso da preposição *a*, mostrando que a variação entre preposições não é um fenômeno recente e esse processo de variação vem se intensificando com o acentuado uso das preposições *para* e *em*.

Farias (2006) analisa, no âmbito da Gramática Gerativa, a variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro e no português

Europeu (doravante PE) afirmando que essa variação não é um fenômeno isolado da(s) gramática(s) do português. Línguas como o inglês, o francês e o italiano também apresentam variação em frases construídas com as preposições correspondentes a *a/para/em*, com verbos dos tipos *ir* e *chegar*.

Neste trabalho analisa-se a variação das preposições usadas no complemento locativo do verbo *ir* de movimento na fala de comunidades do semiárido baiano, considerando a hipótese de que a preposição *a* esteja cedendo espaço para as preposições *para* e *em*.

Procedimentos Metodológicos

Os Corpora

Os *corpora* analisados neste trabalho constituem-se de amostras de fala espontânea gravadas nas comunidades rurais de Piabas, localizada no município de Caém, Matinha, distrito de Feira de Santana, Barra e Bananal, na Chapada Diamantina e Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio, em Jeremoabo. As referidas gravações fazem parte do projeto "A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano", sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana. O projeto arquiva 72 entrevistas, feitas de acordo com as técnicas da pesquisa sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]).

Selecionados os *corpora*, passou-se ao levantamento das ocorrências das variáveis dependentes e, em seguida, à codificação. Os dados levantados foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL, versão Goldvarb 2001 para ambiente Windows. Esse programa quantifica a influência relativa de cada fator em relação à variável dependente e proporciona a seleção dos grupos de fatores significativos.

A variável dependente pesquisada constitui um grupo binário – *para* e *em*, visto que nos *corpora* encontraram-se apenas seis ocorrências da preposição *a* junto ao verbo *ir* de movimento.

As variáveis linguísticas controladas foram divididas em blocos:

- 2.1.1 Variáveis associadas ao Nome Locativo:
 - 2.1.1.1 Configuração do Nome Locativo;
 - 2.1.1.2 Configuração do Espaço;
 - 2.1.1.3 Grau de Definitude do Nome Locativo;

- 2.1.1.4 Permanência no Local;
- 2.1.1.5 Caracterização do Destino.
- 2.1.2 Variáveis associadas ao Sujeito:
 - 2.1.2.1 Pessoa do Discurso;
 - 2.1.2.2 Forma do SN (sintagma nominal);
 - 2.1.2.3 (In)determinação do sujeito.

- 2.1.3 Variáveis associadas ao Verbo:
 - 2.1.3.1 Tempo Verbal;
 - 2.1.3.2 Aspecto – Frequência: Semelfactivo/Iterativo;
 - 2.1.3.3 Aspecto: perfectivo/imperfectivo.

- 2.1.4 Variáveis discursivas:
 - 2.1.4.1 Finalidade;
 - 2.1.4.2 Narratividade do discurso.

As variáveis sociolinguísticas controladas foram:

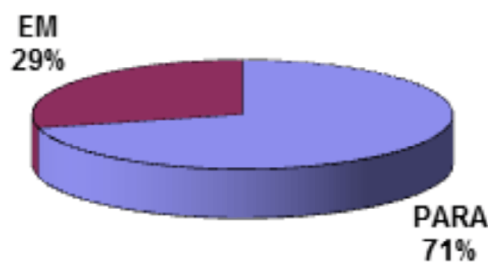
1. Sexo/Gênero;
2. Faixa etária: Faixa 1 – 15 a 35 anos / Faixa 2 – 36 a 55 anos e Faixa 3 – acima de 56 anos;
3. Escolaridade: analfabeto e semianalfabeto / 1ª e 2ª séries / 3ª e 4ª séries e 5ª e 6ª séries;
4. Estada fora da comunidade: se o informante passou mais de seis meses fora da comunidade ou se passou menos de seis meses fora da comunidade.

A variável geolinguística considerada foi a comunidade de origem do informante.

Análise dos resultados

Para essa pesquisa, foram catalogadas 582 ocorrências com o verbo *ir* de movimento, o que possibilita uma análise da realização variável das preposições aqui controladas. Dentre as ocorrências, destacam-se 418 realizações com a variante *para* (71%) e 164 com a variante *em* (29%).

O gráfico 1 mostra a distribuição geral das variantes nas



comunidades do semiárido baiano:

GRÁFICO 1: Percentual de ocorrências das variantes *PARA* e *EM* em comunidades rurais do semiárido baiano

Verifica-se, a partir do gráfico 1, que a variante *para* possui uma alta frequência de uso. Ainda que números percentuais possam conduzir a equívocos dentro desse modelo metodológico, eles possibilitam deduzir que, no vernáculo dos falantes de comunidades do semiárido baiano, há uma maior aplicação da variante *para* em relação à variante *em*, como também comprovam o desuso da preposição *a*, já que não houve um número significativo de ocorrência dessa preposição.

Apresentam-se os resultados dos fatores que o Goldvarb 2001 indicou para a variação da regência do verbo *ir* de movimento: *grau de definitude do nome locativo, permanência no local, pessoa do discurso, comunidade, tempo verbal, sexo/gênero, escolaridade, (in) determinação do sujeito e narratividade do discurso.*

Variáveis linguísticas

1) Grau de Definitude do Nome Locativo

Para este fator considerou-se a seguinte hipótese: quanto mais definido o referente, maior a probabilidade de ser regido pela variante não padrão *em*, uma vez que esta indica "lugar onde", além de movimento atribuído pelo verbo *ir* e, quanto mais indefinido, vago e/ou impreciso for o referente locativo, maior a probabilidade de ocorrer a variante padrão *para*, a qual contém apenas a noção de movimento.

A importância do fator Grau de Definitude do Nome Locativo, que foi selecionado pelo programa como o primeiro fator de maior

relevância no processo de escolha da variante preposicional que introduz o sintagma preposicionado (SP) do verbo *ir* de movimento, parece comprovada mediante os resultados obtidos.

Em relação ao estudo da regência variável do verbo *ir* de movimento em comunidades rurais do semiárido baiano, verifica-se, conforme os dados, que os contextos que apresentam um maior grau de definitude - dupla marca positiva [+det. +def.], seja no nível formal ou semântico - favorecem a aplicação da variante *em* com um índice de 0,66, enquanto os contextos que apresentam menor grau de definitude, seja no nível formal ou semântico, assinalado pela dupla marca negativa [-det.-def.], favorecem a aplicação da variante padrão *para* com um índice de 0,75, seguido do grau de definitude média, representado por dois traços, um negativo [-det.] e outro positivo

Grau de definitude	PARA			EM		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
[+Det.+Def.]	79/202	39	0,34	123/202	61	0,66
[+Det. -Def.]	27/40	67	0,59	13/40	32	0,41
[-Det. +Def.]	104/129	80	0,70	25/129	20	0,30
[-Det. -Def.]	6/9	67	0,75	3/9	33	0,25
TOTAL	216/380	57	-	164/380	43	-

Significância: 0,042

[+def.], como também o [+det. -def.] apresentando pesos relativos de 0,70 e 0,59, respectivamente. Como se verifica na tabela 1:

TABELA 1: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *Grau de Definitude do Nome Locativo*²

De acordo com os resultados, constatamos que a variante não padrão *em* é mais empregada com um maior grau de definitude [+det. +def.], em ambos os níveis, formal ou semântico, ou seja, mais empregada quando o nome locativo é de conhecimento do falante e/ou do ouvinte. Isso, possivelmente, deve-se ao fato de que, além da noção de movimento, a preposição apresenta a noção de "lugar onde", consoante Bechara (2009, p.315), como o primeiro e o principal sentido.

Os dados revelam que, quanto mais definido o referente, maior a probabilidade de ser regido pela variante não padrão *em*, enquanto 2 Eliminaram-se algumas ocorrências para o fator menor grau de definitude [-det. - def.], visto que não foi possível apurar se as formas *pra* e *pa* são o resultado da contração de *para* mais *a*, ou apenas a abreviação de *para*. Justifica-se, dessa forma, o total de ocorrências para esse fator ser menor que o dos outros fatores analisados.

que quanto menos definido o referente maior a probabilidade de ser regido pela variante padrão *para*, confirmando, dessa forma, a hipótese levantada, conforme ilustram as ocorrências abaixo:

(01) Conhecer a cidade, nunca *fui no centro da cidade*, nunca fui. *Só fui mesmo nos bairro*. (GJA – 1m, M)³

(02) ...a minha criação, poque se eu disse assim: 'minha fia, *você hoje não vai pra canto nenhum*', ela também num... num atemava... num atema pra mim... (JFS – 2f, P)

(2) Permanência no local

Em relação à variável permanência no local, testou-se a seguinte hipótese: a preposição *em* é empregada quando a ida é para certo fim, voltando-se depois, caracterizada pelo traço [-permanência] e a preposição *para* é empregada quando há ideia de maior permanência no local, apresentando o traço [+permanência]. A permanência no local foi o segundo fator linguístico selecionado como influente para a aplicação da variação das preposições *para* e *em*.

Na tabela 2, a seguir, constatou-se que o traço [+permanência] beneficia o uso da variante padrão *para* com índice de 0,93. E o traço

Permanência no local	PARA			EM		
	Apl./ Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
[+permanência]	89/92	96	0,93	3/92	4	0,07
[-permanência]	329/490	68	0,38	161/490	32	0,62
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

[-permanência] favorece o uso da variante não padrão *em* com índice de 0,62.

TABELA 2: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *Permanência no local*

Os dados confirmam a hipótese de que a preposição *em* é utilizada quando a ida é para certo fim, voltando-se depois, revelando o traço [-permanência], enquanto que a variável *para* envolve a ideia de

³ Os dados entre parênteses, após os exemplos, dizem respeito à indicação das entrevistas dos informantes. Eles representam, respectivamente, as iniciais dos informantes, faixa etária, sexo e a comunidade de origem.

maior permanência no local [+permanência]. Como se pode observar nos dados seguintes:

(03) E eu era pequena, poi minha mãe de toda vida ela gostaha muito de *ir na igreja* e deixava de acompanhar muitas coisa tamém, gosta... e dava muito prazer nela. (ISL – 3f, G)

(04) Já meu outo era mais diferente, num gostava muito da roça. *Aí foi pra São Paulo*. Esse vevi lá. (AJS – 1m, C)

(3) Pessoa do discurso

Considerou-se como P1 o sujeito representado pelo pronome *eu*, o P2 engloba os pronomes *tu*, *ocê* e *ocês*, o P3 representa os pronomes *ele*, *ela*, *eles* ou *elas*, independentemente do número (singular ou plural) e o P4 engloba os pronomes *nós* e *a gente*. O vocábulo *a gente* figura como pronome de quarta pessoa visto que os falantes de língua portuguesa o utilizam em substituição a *nós*.

A hipótese formulada para este fator foi a seguinte: *para* ocorre mais com a 3ª pessoa gramatical e *em* com a primeira pessoa do discurso.

Segundo os resultados apresentados na tabela 3, a seguir, os falantes do semiárido baiano preferem a preposição *em*, quando se trata da primeira pessoa do discurso (*eu*), como também, quando se trata da segunda pessoa do singular ou plural (*tu*, *ocê*, *ocês*), com índice de 0,65; enquanto que a preposição *para* é favorecida nos contextos em que há sujeitos de quarta pessoa (*nós* e *a gente*), com

Pessoa do discurso	PARA			EM		
	Apl. / Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
P1	144/247	58	0,35	103/247	42	0,65
P2	11/16	68	0,35	5/16	32	0,65
P3	174/209	83	0,59	35/209	17	0,41
P4	89/110	80	0,66	21/110	20	0,34
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

peso relativo de 0,66, e também nos de terceira pessoa (*ele(s)*, *ela(s)*,

SN singular ou plural), com peso de 0,59.

TABELA 3: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *Pessoa do discurso*

Pode-se afirmar que a hipótese foi confirmada, visto que a forma *em* é favorecida com sujeitos de primeira pessoa e *para*, apesar de ter um peso relativo maior para a quarta pessoa, também é favorecida com sujeitos de terceira pessoa.

Seguem ocorrências ilustrativas da variável *pessoa do discurso*:

(05) *Eu só vou na rua* quando eu vou tirar meu dinheirinho. Aí é que eu vou, aí nós paga um carro, aí vem. (AJ – 3f, T)

(06) ... você com um conto, era a mehma coisa que num ter nada. *Cê ia na feira* com aquele conto, *cê* num comprava nada. (MR – 2m,B)

(07) E a outra menina, a que é a mulé, *ela foi pra Salvador* jovem, crianinha, nova, se criou mais em Salvador. (MSA – 3m, M)

(08) O outro ... o outro menino, a gente foi... saiu daqui três horas também de pé. *Nós fomo de pé pra Rio de Conta*, umas três hora pra Rio de Conta. (JIS – 1f; B)

(4) (In)determinação do Sujeito

O fator *(In)determinação do Sujeito*, último selecionado pelo programa, mostra que a preposição *em* é favorecida nos contextos em que o sujeito é [+determinado], com peso de 0,57, e quando o sujeito

<i>(In)determinação do sujeito</i>	<i>PARA</i>			<i>EM</i>		
	Apl./ Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
[+determinado]	264/390	67	0,43	126/390	33	0,57
[-determinado]	154/192	80	0,64	38/192	20	0,36
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

é [-determinado] favorece o uso de *para*, com peso de 0,64.

TABELA 4: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *(In)determinação do sujeito*

Os dados confirmam a hipótese de que *em* estaria associada ao sujeito [+determinado] e *para* [-determinado].

Acredita-se que essa variável esteja relacionada à narratividade, no sentido de que os falantes escolheriam formas de sujeito mais determinadas quando estivessem narrando experiências pessoais, o que, conseqüentemente, os faria optar pela variante não padrão *em*.

Seguem exemplos da variável (*in*)*determinação do sujeito*:

(09) Porque no Paraná, fui com a idade de quatorze ano pro Paraná, aí tinha a cidade, que uns primo meu cantava na rádio, uns primo meu, aí todo dia nós ia... *nós ia na rádio* pra assistir o programa deles... (ACS – 2f, G)

(10) Quando num se forma, *pessoa* vai, casa e sai pa fora... *Antão vai pa Savador, vai pa São Paulo*. Lá arruma emprego, vai trabalhar. (JNC – 2m, C)

(5) Tempo Verbal

Em relação ao fator *tempo verbal*, a hipótese era de que *para* seria mais frequente com verbos no tempo não passado e *em* com verbos no passado.

De acordo com a Tabela 5, a seguir, a preposição *em* é mais

Tempo Verbal	PARA			EM		
	Apl./ Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
Presente	146/213	68	0,39	67/213	32	0,61
Pretérito perfeito	106/161	65	0,48	55/161	35	0,52
Pretérito imperfeito	81/98	82	0,69	17/98	18	0,31
Futuro	5/5	100	-	-	-	-
Infinitivo Pessoal	3/3	100	-	-	-	-
Outros	77/102	75	0,56	25/102	25	0,44
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

frequente com verbos no presente, com peso relativo de 0,61, e a

preposição *para* com verbos no pretérito imperfeito, com índice de 0,69.

TABELA 5: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *Tempo Verbal*

Como se pode depreender a partir dos resultados, a hipótese não se confirmou, já que se esperava que os relatos de experiência propiciassem a ocorrência da preposição *em* com verbos no passado.

Apresentam-se, a seguir, as ocorrências que ilustram o fator *tempo verbal*:

(11) Eu num gosto não. *A gente vai na casa* desse povo assim, quando a hente chega lá ele diz: “ah, você tá sentino o quê?” (LM – 3f, M)

(12) A gente vinha na quinta, voltava no domingo, então *a gente ia pra roça*, naquela época chovia. (RS – 1f, P)

(6) *Narratividade do discurso*

Para a variável *narratividade do discurso*, a hipótese era a seguinte: *para* deve aparecer preferencialmente em sequências textuais não narrativas e *em* deve ser mais frequente em sequências narrativas. Esperava-se, pois, que a preposição *para* aparecesse preferencialmente em sequências textuais não narrativas e que a preposição *em* ocorresse em sequências narrativas, uma vez que o discurso narrativo propiciaria a emergência do vernáculo: “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativo, o informante desvencilha-se de qualquer preocupação com a forma” (TARALLO, 2004, p.23).

De acordo com a tabela 6, a seguir, os resultados demonstram

<i>Narratividade</i>	<i>PARA</i>			<i>EM</i>		
	Apl./ Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
[+narrativo]	115/153	75	0,62	38/153	25	0,48
[-narrativo]	303/429	70	0,45	126/429	30	0,55
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

que a hipótese não foi confirmada, já que os contextos não narrativos

favorecem o uso de *em*, apresentando peso relativo de 0,55, e os narrativos favorecem o uso da forma padrão *para*, com peso de 0,62.

TABELA 6: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *Narratividade do discurso*

O resultado para *narratividade* foi inverso ao obtido por Wiedemer (2008): o contexto [-narrativo] condiciona a preposição *em*, com peso relativo de 0,60. Já o contexto [+narrativo] favorece a preposição *para*, com peso de 0,55. A preposição *a* não é afetada pela narratividade.

Seguem ocorrências da variável *narratividade do discurso*:

- (13) Porque diz que Q. tinha dedado a poliça qu'eles era bandido. Disse que Q. diz: "não, eu nunca falei isso pra ninguém". "Falou, falou Q., falou". Eles manjano um dona! Dá um fim. Apois lutaru até que... Já tinham dado um tiro nele, quer dizer, ninguém sabe quem foi. Mah numa porta dessas assim ói, chegaru, ele tava aí, com se aqui dento da casa, eles picaro lhe fogo, ele caiu. A porta disse que era partida, ele caiu po lado de dento. Muito bem. E aí agora, *fôru pro hosprítá*. Mah deru uma santissima... o doutor tomou conta, sarou. Agora, picaro lhe fogo, joga ropa debaixo do chão. Num teve quem empedisse, não. (VML, 3f, P)
- (14) Quando uma criança doece, ou às vez a gente, tem que *ir em Rio de Contas*. (MFSF, 1m, G)

Variável geolinguística

(1) Comunidade

A variável *comunidade* foi a quarta a ser selecionada e, de acordo

<i>Comunidade</i>	<i>PARA</i>			<i>EM</i>		
	Apl./ Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
Matinha	77/113	68	0,45	36/113	32	0,55
Barra/Bananal	91/144	63	0,32	53/144	37	0,68
Mato Grosso	63/93	68	0,30	30/93	32	0,70
Piabas	56/76	74	0,56	20/76	26	0,44
Casinhas	72/84	86	0,82	12/84	14	0,28
Tapera	20/27	75	0,66	7/27	25	0,34
Lagoa do Inácio	39/45	87	0,67	6/45	13	0,33
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

com os resultados, percebe-se que as comunidades do semiárido têm comportamentos diferenciados com relação à escolha de uma das variantes (*para* ou *em*) junto ao verbo *ir* de movimento, conforme tabela 7:

TABELA 7: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *Comunidade*

Os resultados mostram que os falantes de Matinha, distrito de Feira de Santana, Barra/Bananal e Mato Grosso, povoados da Chapada Diamantina, preferem a forma *em*, junto ao verbo *ir* de movimento. Enquanto em Piabas e nas localidades de Jeremoabo (Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio), há a preferência de uso da forma padrão *para*.

Acredita-se que, com relação à variável *comunidade*, não é possível dar uma explicação definitiva para tal resultado, pois o fenômeno em questão não envolve uma variante estigmatizada socialmente. Sabe-se que, mesmo entre indivíduos escolarizados e residentes na zona urbana, é frequente o uso de *ir* + *em* (mesmo com as pressões da escola e das gramáticas normativas que impõem as formas padrão *a* e *para*), principalmente em situações informais de uso da língua.

O que se sabe a respeito das características de cada comunidade é que os moradores de Matinha mantêm um contato muito grande com a cidade (Feira de Santana), pois vendem a sua produção agrícola nas feiras e estudam e/ou trabalham no município. Assim, esse povoado mais parece uma área agrícola dentro da imensa zona urbana de Feira de Santana. Bananal/Barra dos Negros e Mato Grosso pertencem a um município que atrai muita gente devido ao turismo da região, havendo, assim, mais contatos entre grupos populacionais distintos, o que pode estar influenciando na fala dessas comunidades.

Já Piabas está situada dentro da caatinga, numa localização onde não é passagem nem entroncamento rodoviário, além de não ter exploração do turismo. As mulheres vão para as feiras e para atendimento médico no próprio município de Caém e nas cidades vizinhas, como Jacobina e Campo Formoso, e, algumas vezes, vão ao estado de São Paulo visitar parentes. Os homens vão a São Paulo à procura de emprego. As localidades de Jeremoabo estão localizadas no polígono das secas, e a população é predominantemente rural, com 60,2% de seus habitantes localizados no campo, geralmente pertencentes à mesma família.

Acredita-se que o contato com outros indivíduos que não pertençam à comunidade do falante pode interferir em sua fala, como

também a sua integração em diversas redes sociais, o que poderia estar acontecendo com os informantes do semiárido baiano.

Variáveis sociolinguísticas

(1) Escolaridade

Para esse grupo de fatores, a expectativa é a de que as

<i>Escolaridade</i>	<i>PARA</i>			<i>EM</i>		
	Apl./ Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
Analfabeto e semianalfabeto	177/260	68	0,49	83/260	32	0,51
1ª e 2ª series	59/90	66	0,28	31/90	34	0,72
3ª e 4ª series	142/184	77	0,56	42/184	23	0,44
5ª e 6ª séries	39/47	83	0,69	8/47	17	0,31
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

ocorrências da variante padrão para sejam mais frequentes entre os mais escolarizados. Seguem os resultados da atuação dessa variável na tabela 8:

TABELA 8: Variantes PARA e EM com relação ao fator Escolaridade

Os informantes foram agrupados por série, já que eles só estudaram até o 6º ano do ensino fundamental⁴. De acordo com os dados, quanto maior a escolaridade do informante, mais ele utiliza a preposição *para*. Os informantes de 3ª e 4ª séries apresentam peso relativo de 0,56 e os de 5ª e 6ª séries apresentam peso de 0,69 para esta preposição. Em contrapartida, a preposição *em* tende a aparecer entre os menos escolarizados, incluindo os analfabetos e semianalfabetos, apesar de, nessa etapa, apresentarem uso equilibrado das preposições *para* e *em*, com peso de 0,49 e 0,51, respectivamente, e os que estudaram até a segunda série primária, com peso de 0,72.

O alto uso da preposição *em* entre informantes de 1ª e 2ª séries pode estar associada à precariedade do ensino na zona rural, com

4 Foram realizadas rodadas com a escolaridade dividida em dois e em três grupos com o intuito de se entender melhor a influência da escolarização, já que há pouca diferença entre os informantes analfabetos e semianalfabetos e os que cursaram as 1ª e 2ª séries, mas ocorreram diversos problemas, como a exclusão de determinado fator ou a seleção no stepup e stepdown de um mesmo fator, o que invalida a rodada. Portanto, a melhor rodada foi a da escolaridade em quatro grupos, como descrito no texto.

professores leigos, salas multisseriadas, escassos materiais didáticos, entre outros, o que impossibilita uma efetiva influência da escola na fala desses informantes.

(2) *Sexo / Gênero*

Geralmente, a análise dessa variável permite apontar qual o papel do homem e da mulher nos fatos linguísticos, no sentido de demonstrar se um gênero é mais conservador que outro. Essas generalizações são feitas, baseando-se, essencialmente, nos papéis exercidos pelos homens e mulheres na comunidade, que se refletem

<i>Sexo/Gênero</i>	<i>PARA</i>			<i>EM</i>		
	Apl./ Total	%	PR	Apl. / Total	%	PR
Masculino	162/224	72	0,40	62/224	28	0,60
Feminino	256/358	71	0,56	102/358	29	0,44
TOTAL	418/582	71	-	164/582	29	-

Significância: 0,042

nos aspectos linguísticos. Apresentam-se os resultados da atuação dessa variável na tabela 09:

TABELA 09: Variantes *PARA* e *EM* com relação ao fator *Sexo/Gênero*

De acordo com os resultados, os informantes do sexo masculino são mais inovadores ao preferirem a preposição *em*, com peso relativo de 0,60, e os do sexo feminino mais conservadores, já que preferem a preposição *para*, com peso de 0,56.

Percebe-se, dessa forma, que as mulheres do semiárido baiano confirmam a tese de que a mulher é mais sensível às formas socialmente prestigiadas, tratando-se de variação estável ou de mudança na língua (LABOV, 2006). Tais diferenças seriam mais encontradas na chamada classe média baixa, estariam enfatizadas nos estilos mais cuidados da fala, atenuadas entre os indivíduos mais jovens e ampliadas entre os mais velhos. Todavia, esperava-se que, em se tratando da realidade das comunidades rurais analisadas, o homem tivesse este comportamento linguístico, já que estes saem mais das localidades em que vivem em direção aos grandes centros urbanos, seja para vender o produto da lavoura, seja para trabalhar, favorecendo, dessa forma, a entrada da variante de prestígio na comunidade. As mulheres, por sua vez,

restringem-se, sobretudo, aos afazeres domésticos, aos cuidados com os filhos, ao trabalho na roça, mantendo-se, assim, numa situação mais isolada, e, em consequência, sua fala estaria mais próxima da norma da comunidade local.

Considerações finais

Este estudo da regência variável do verbo *ir* de movimento na fala de comunidades rurais do semiárido baiano possibilitou a verificação do comportamento linguístico das variantes *para* e *em*, a fim de detectar se o fenômeno linguístico em questão sofre ou não interferências de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos.

De acordo com os resultados obtidos, conclui-se que os falantes das sete comunidades analisadas não usam a preposição *a*, sendo registradas apenas seis ocorrências, o que, certamente, indica uma mudança em curso e, ratifica diversos estudos linguísticos que vêm confirmando o desuso dessa preposição não só na fala, como também na escrita (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996, 2008; VALLO, 2003; GOMES, 2003; GUEDES e BERLINCK, 2003 WIEDEMER, 2008). A variante *para* obteve um índice percentual de 71% e a variante *em* obteve um índice de 29%, mostrando que esses falantes preferem o uso da forma padrão.

Pode-se dizer que a regência variável do verbo *ir* de movimento na fala de comunidades rurais do semiárido baiano não é aleatória, já que condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. O Goldvarb 2001 indicou para a variação da regência do verbo *ir* de movimento os seguintes fatores por ordem de relevância: *grau de definitude do nome locativo, permanência no local, pessoa do discurso, comunidade, tempo verbal, sexo/gênero, escolaridade, (in)determinação do sujeito e narratividade do discurso*.

Quanto à variável *grau de definitude do nome locativo*, os resultados mostraram que a variante *em* é favorecida quando o nome locativo é de conhecimento do falante e do ouvinte, apresentando a dupla marca positiva [+det. +def.]. E em relação à variante *para*, constatou-se que esta é favorecida quando o nome locativo é vago e/ou impreciso para o falante e/ou ouvinte, com a dupla marca negativa [-det. -def.], seguido do grau de definitude média [-det. +def.], como também o [+det.-def.].

Na análise da variável *permanência no local*, observou-se que

a variante padrão *para* é favorecida quando a ida a certo lugar indica [+permanência], enquanto a variante não padrão *em* é favorecida quando a ida a algum lugar indica [-permanência].

A variável *peessoa do discurso* mostrou que os sujeitos de primeira e segunda pessoas favorecem o uso de *em*, e os de terceira e quarta pessoas influenciam o uso de *para*, confirmando a hipótese inicial.

A variável *(in)determinação do sujeito* revelou que a preposição *em* é mais utilizada com sujeitos determinados e a preposição *para* com sujeitos indeterminados. Acredita-se que isso deva ter ocorrido pelo fato de, nas narrativas pessoais, o falante utilizar a fala de forma espontânea e aproximada de sua variante vernácula, conseqüentemente, fazendo uso da forma não padrão *em*.

O *tempo verbal* evidenciou que a preposição *em* é mais frequente com verbos no presente e a preposição *para* com verbos no pretérito imperfeito, resultado que não confirmou a hipótese inicial, já que se esperava que os relatos de experiência pessoal propiciassem a ocorrência da preposição *em* com verbos no passado.

Na análise da *narratividade do discurso*, observou-se o oposto do que se esperava: a preposição *para* foi mais utilizada em contextos narrativos e a preposição *em*, por sua vez, em contextos não narrativos, contrariando o que afirma Tarallo (2004, p.23) "ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativo, o informante desvencilha-se de qualquer preocupação com a forma".

Quanto à *comunidade*, verificou-se que há um comportamento diferenciado com relação à escolha das variantes *para* ou *em* junto ao verbo *ir* de movimento: os falantes de Matinha, distrito de Feira de Santana, Barra/Bananal e Mato Grosso, povoados da Chapada Diamantina, preferem a forma *em*. Enquanto em Piabas e nas localidades de Jeremoabo (Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio) há a preferência de uso da forma padrão *para*.

Evidenciou-se, quanto à variável *escolaridade*, que os informantes com menos anos de escolarização (analfabetos, semianalfabetos e os que estudaram até a 2ª série do ensino fundamental) empregam mais a variante não padrão *em*. Por outro lado, os informantes com mais anos de escolarização (os que estudaram entre a 3ª e a 6ª séries)

utilizam mais a variante padrão *para*.

Com relação à variável *sexo/gênero*, os resultados mostraram que os informantes do sexo masculino preferem a preposição *em*, enquanto os do sexo feminino preferem a preposição *para*. Por se tratar de comunidades rurais, algumas isoladas, a expectativa era o resultado inverso, visto que os homens dessas localidades têm um maior contato com os centros urbanos e favoreceriam, neste sentido, a entrada da variante de prestígio na comunidade.

Assim sendo, espera-se que este estudo, ao analisar a regência variável do verbo *ir* de movimento no vernáculo de comunidades rurais do semiárido baiano, possa contribuir para a caracterização da língua falada nessa região, assim como possa servir de base para estudos comparativos com outras regiões do país, no intuito de verificar se a referida variação realmente é uma tendência do falar nacional. E, desse modo, demonstrar que as variações devem ser consideradas como reflexos do contexto social em que está inserido o falante, e não serem taxadas de "erros" gramaticais, como ocorre habitualmente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norma Lucia F. de e CARNEIRO, Zenaide de O. N. **Coleção amostras da língua falada no semi-árido baiano**. Feira de Santana: UEFS/FAPESB, 2008.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?**: um convite à pesquisa. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARIAS, Jair Gomes de. Variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. Disponível em: [GOMES, Christina Abreu. Variação e Mudança na expressão do dativo no Português Brasileiro. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 81-96, 2003.](http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/Letras de Hoje. Porto Alegre. V. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006. Acessado em 02 de setembro de 2008.</p></div><div data-bbox=)

GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados

no português paulista do século XIX. **Estudos Linguísticos XXXII**, 2003. Publicação do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

LABOV, William. **Principles of linguistics Change: internal Factors**. v. 1. Cambridge: Blackwel, 1994.

_____. **Principios del cambio lingüístico**. v. 2: Fatores sociais. Versão espanhola de Pedro Martin Butragueño. Madrid, Gredos, 2006.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola. Tradução: Marcos Bagno, 2008 [1972].

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. A regência variável no verbo ir de movimento. In: SILVA, Giselle Machine de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, p. 147-167, 1996.

_____. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, Giselle Machine de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, p. 283-293, 1996.

RIBEIRO, Antônio João Carvalho. **Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta**. 1996. 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows**. User's manual. 2001.

VALLO, Mário Anastácio Galdino do Vallo. **A regência variável do verbo IR de movimento na fala pessoense**. 2003. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola. Tradução: Marcos Bagno, 2006 [1968].

WIEDEMER, Marcos Luiz. **A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Recebido em 30 de novembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.